

8

MÉROPE,

TRAGEDIA



DE M.^r. DE VOLTAIRE.



TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ,

POR

José Augusto Cabral de Mello e Silva,
natural da ilha Terceira.



— veniam pro laude peto : laudatus abundè
Non fastiditus si tibi, lector, ero.
Ovid. L. 1. Eleg. 6.



Angra do Heroismo:

Imprensa da Administração Geral,

1841.

L
46791

R. 179580

Quem, Voltaire, te deu arte e potencia
Para fazer de *Méropé* um portento,
Um prodigio da trágica eloquencia?

Que divindade do celeste assento
Para traçar tão felicitá pintura
Te illuminou o altivo pensamento?

Que urgentes situações, que moral pura,
Que conflicto de affectos, que interesse,
Não domina na acção de alta estrutura?

Ali o amor materno resplandece;
Contra a innocencia inermé e perseguida,
A tyrannia ali não prevalece.

Tu da trágica scena esclarecida
Sempre serás, ó *Méropé*, honra e gloria,
Apezar da Inveja enfurecida.

Obras de F. D. Gomes, *Eleg. X.*

PREFACÃO DO TRADUCTOR.

A FAMOSA tragedia franceza intitulada—
MEROPE—, uma das obras—primas da poesia dramati-
ca, e que tanto acredita o grande genio e espirito de seu
autor o immortal Voltaire, é a obra que hoje offere-
ço aos meus compatriotas na linguagem portugueza,
versão que fiz no anno de 1828, em o curto intervallo
que tive de repouso entre gravissimas adversidades.

Esta excellente composição, em que o maravilho-
so se concilia com a verosimilhança e o decoro, des-
pida de episodios de amor e galantarias romanescas or-
dinariamente damnosas aos costumes e improprias da
dignidade e elevação da tragedia, só inculca e excita
o apreço da virtude e a emulação da heroicidade.

O seu assumpto, o mais tocante e verdadeiramen-
te trágico que, na opinião de Aristóteles e de outros
varões doutissimos, tem apparecido no theatro, sen-
do outr'ora dignamente tratado por Eurípedes, pro-
duzio a mais viva e extraordinaria impressão no povo
atheniense, costumado a vêr na scena os primores
da arte n'este genero: e havendo posteriormente oc-
cupado os talentos de alguns poetas illustres, nenhum
o desempenhou com o successo de Voltaire, que com
razão se pode chamar o Eurípedes da moderna França,
em nada inferior ao da antiga Grecia.

Fazer uma traducção correspondente a uma obra
tão primorosamente acabada, e em verso, é empre-
za summamente ardua e superior ás minhas forças.
Nascido e educado em um paiz onde tão atrazados

estiveram sempre os estudos das bellas—letras e o bom gosto da poesia e metrificacão portugueza, e de mais a mais agitado constantemente de desgostos e infortunios não merecidos na minha carreira publica, não podia considerar-me habilitado para desempenhar cabalmente tão difficil tarefa.

Todavia, o desejo de tornar mais geral na minha patria o conhecimento de uma das mais célebres composições trágicas da Europa e que melhor inspira sentimentos dignissimos e uteis á sociedade, sem me fazer esquecer da minha insufficiencia, me animou a emprender e effectuar esta versão, que ha muito teria visto a luz publica, como outros insignificantes fructos de minhas vigílias, se o houvera permittido a estreiteza das minhas circumstancias.

O Publico illustrado, avaliador justo das obras de litteratura, decidirá se fui fiel traductor, e se dei a meus versos, de algum modo, a perspicuidade, força e harmonia, que tanto distinguem a versificação do original:—emfim, se a presente traducção deve ser votada ao desprêzo, ou gosar a estimação de meus contemporaneos e ser transmittida á posteridade.



MÉROPE.



'Tis true, composing is the nobler part,
But good translation is no easy art,
For tho' materials have long since been found,
Yet both your fancy, and your hands are bound,

*Poems by the Earl of Roscommon. An essay
on translated verse.*



ACTORES.

MÉROPE, viuva de Cresphonte, rei de Messena.
EGISTES, filho de Mérope.
POLYPHONTES, tyranno de Messena.
NARBAS, velho.
EURYCLES, valido de Mérope.
ERIX, valido de Polyphontes.
ISMENIA, confidente de Mérope.

A scena é em Messena no palacio de Mérope.

MEROPE, TRAGEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA 1.^a

MEROPE, ISMENIA.

ISMENIA.

GRANDE RAINHA, afasta esses terrores;
Logra os dias serenos que succedem
A' negra tempestade. Dádivosos,
A paz nos deram e a victoria os deoses:
Se os viste irados, hoje os vês propicios.
Após quinze annos de intestinas guerras,
A assolada Messena emfim levanta,
Das ruínas sahindo, ledã fronte.
Esses horridos chefes inimigos,
Que o interesse sepára, e une o crime,
Mais não verão teus olhos disputarem,
Pela devastação, roubos e sangue,
Do nosso rei melhor a excelsa herança.
Os nossos cidadãos, os nossos cabos,
Orgãos das leis, dos deoses os ministros,
Vão, em tua presença congregados,
Da corôa dispor, por motu livre.
Se a virtude a vai dar, certo que é tua:
Tu só tens sobre nós direitos sólidos:
Tu, senhora, viuva de Cresphonte,
Filha de nossos reis: tu, que tão firme
Constancia, e annos quinze de miseria,
Hão feito mais augusta, e a nós mais cara:
Tu, por quem nós secretamente unidos....

MEROPE.

E sem vir Narbas! ah! inda meu filho
Tornarei a ver?

ISMENIA.

Podes esperá-lo:

Com um rápido passo, já corrêram
A E'lida em tropel os teus escravos.
Abrio a paz de E'lida os caminhos:
E certo em mãos fieis depositaste
O doce objecto d'esses teus cuidados.

MEROPE.

O' deoses, testemunhas de meu pranto,
Dar-me-heis o meu filho? Egistho é vivo?
Haveis vós conservado esse querido
Filho infeliz, que eu único salvára?
Afastai d'elle o bárbaro homicida.
De vós descende, sim, sangue é de Alcides.
Deixareis no abandono o caro resto
Do mais justo dos reis, do mor dos deoses,
Do esposo a imagem, cujas cinzas prezo?

ISMENIA.

E esse interesse, bem que terno e justo,
Pode de qualquer outro desviar-te?

MEROPE.

Mãe eu sou; e tu d'isso inda te espantas?

ISMENIA.

Por esse amor de mãe esquecer deves
O character angusto do teu sangue?
Prezaste sua infancia, mas mui pouco
Viste esse filho que deploras tanto.

MEROPE

Sempre em meu coração o tive impresso;
Nutriam meu amor os seus perigos:
Com o tempo crescêo minha ternura.

Na

Na triste solidão onde eu vivia,
Veio de Narbas, depois de annos quatro,
Uma palavra dar-me á mente afflicta
Novo cuidado:—Egistho (escrevia elle)
Merecedor se faz de melhor sorte:
Elle é digno de ti, digno dos deoses
De que descende: os males de que é victima,
Os males todos, seu valor os vence:
Confia n'elle, e teme Polyphontes.

ISMENIA.

De Polyphontes frustra o intento ao menos:
Deixa passar ás tuas mãos o imperio.

MEROPE.

O imperio não é meu, é de meu filho.
Morra a madrastra, morra o peito duro,
Idólatra de si, que no alto solio
Pode lograr em paz o prazer bárbaro
De herdar seu sangue! Se não tenho filho,
Que me importa um imperio? que me importa
Este céo, este dia que respiro?
Renunciar a tudo eu deveria
Quando n'este logar o meu esposo
Dos mortaes e dos deoses foi trahido.
O'bárbara perfidia! ó crime, ó dia
Fatal ao mundo! O'morte detestavel,
Presente sempre á minha dor profunda!
Luda estes gritos, este brado, escuto:
„ Salva o rei, sua esposa, e salva os filhos.,,
Ensanguentados vejo ainda os muros;
Abrasadas as portas; essas damas
Sob os tectos fumantes esmagadas;
Fugindo escravos; o tumulto, as armas,
O horror, o fogo, a morte, rodearem-me.
Ali, nadando no seu sangue, envolto
Em sórdida poeira, inda volvendo
A mim os olhos languidos, Chresphonte

Me

Me apertou, expirando, entre seus braços.
 Ali, dous filhos, victimas da morte,
 De tão doce união primeiros fructos,
 Cahidos sobre o pae, em sangue tintos,
 As tenras mãos apenas levantavam.
 Ah! me imploravam contra seus algozes!
 Só Egistho escapou:—um deos o salva.
 Tu, que o salvaste, grande deos, sobre elle
 Piedoso vigia:—que elle venha;
 Que Narbas a meus olhos o conduza
 Lá dos desertos ao logar supremo
 Dos inclitos maiores! Ha quinze annos,
 Que sua ausencia, que meus ferros, soffro.
 Que elle reine por mim: eis quanto aspiro.

SCENA 2.^a

MEROPE, ISMENIA, EURYCLES.

MEROPE.

Então! Narbas não vem? não vem meu filho?

EURYCLES.

Tu me vês confundido. Tantos passos,
 Cuidados tantos, tudo foi inutil.
 Buscou-se as margens do Penão, buscou-se
 De Olympia os campos, de Salmóneo os muros,
 E não se viu Narbas: seus vestigios
 Occulta ali a sorte aos olhos todos.

MEROPE.

De certo, é morto Narbas!—perdi tudo!

ISMENIA.

Tu crês os males que tua alma teme:
 Talvez que Narbas já, na paz seguro,
 Nos traga um filho que anhelamos tanto.

EURYCLES.

Talvez que seu amor, puro e discreto,

As-

Assim como occultou d'elle o retiro,
 Sua viagem igualmente occulte.
 De Egistho cuida vigilante, e teme
 Os cruéis assassinos que mataram
 O rei, esposo teu. D'estes releva
 Frustrar as negras tramas. A passagem
 Ao teu filho seguro quanto posso:
 Sobre os caminhos que ha tingido o sangue,
 Olhos abertos tenho, e braços firmes.

MEROPE.

Eu me entreguei á tua lealdade.

EURYCLES.

Ah! e que monta a minha vigilancia?
 Seu throno se vai dar: minha voz fraca
 Em vão mostra os direitos de seu sangue.
 A injustiça triunfa; e o povo cego,
 Calcando as leis, se inclina a Polyphontes.

MEROPE.

E aviltar-nos pudera tanto a sorte?
 Viera aonde é rei servir meu filho?
 No solio de seus paes veria um subdito?
 Teria aqui senhor de Jove o sangue?
 Não tenho amigos já? Morreo, vassallos,
 O nome para vós do meu esposo?
 Sua gloria, e mercês, já vos não lembram?

EURYCLES.

Caro lhes é de teu esposo o nome;
 Todos o choram, todos te lastimam:
 Mas temem Polyphontes:—vence a força.

MEROPE

Assim pelo meu povo sempre oppressa
 A justiça á ambição verei rendida,
 E o vil interesse, árbitro da sorte,
 Vender o fraco aos crimes do potente!
 Corramos a accender nas almas tímidas

Es-

Essa dor mal extincta, essa saudade,
Que ainda sentem pelo sangue hercúleo:
Seu amor e esperança reanimemos:
Falla, e annuncia do seu rei a vinda.

EURYCLES.

De mais tenho fallado: Polyphontes
Já teme o filho teu, e as tuas lágrimas.
A ambição turbulenta que o devora,
Feroz, ardente, nada vê sagrado.
Se elle expulsou de Pylos e de Amphryso
Os salteadores, se salvou Messena,
Pensa que a conquistou. Obra somente
Para si, e acurvar pertende tudo:
A' c'róa aspira, e por arrebatal-a,
Não ha trincheira que elle não derrube,
Leis que não quebre, sangue que não verta:
Os assassinos crús do teu esposo
Talvez não devam dar-te mais temores.

MEROPE.

Que! Um passo não dou sem vêr abysmos!
O perigo e os horrores vejo ao lado!
Polyphontes, vassallo, cujos crimes.....

EURYCLES.

Dissimula, senhora, elle aqui chega.

SCENA 3.^a

MEROPE, POLYPHONTES, EROX.

POLYPHONTES.

Senhora, devo emfim abrir meu peito.
O intrépido valor me chama ao throno:
Prestes a decidir, do estado os chefes
Me honram hesitando entre nós ambos.
Dos diversos partidos sanguinosos
Que Messena assolavam, hoje resta

O meu e o teu partido unicamente.
Devemos um ao outro um mutuo auxilio:
Inimigos communs, amor da patria,
Razão, lucro, dever, tudo nos liga.
Tudo diz que um guerreiro que vingára
O teu esposo, se a reinar aspira,
Tambem pode aspirar-te. Eu me conheço:
Sei bem que, embranquecido sob as armas,
Este meu parecer triste e severo
Por certo te será pouco agradável:
Sei que teus dotes, inda mui viçosos,
Se assustariam de meus longos annos:
Mas a razão de estado debilmente
Conhece taes caprichos, e esta fronte
Illustrada de nobres cicatrizes,
Só se pode cobrir do diadema.
Quero, por premio justo, a ti e o sceptro.
Não vejas n'isto orgulho temerario:
Tu és a filha e a mãe de nossos reis:
Mas demanda um senhor o estado, e deves
Saber, senhora, que somente podes
Guardar os teus direitos repartindo-os.

MEROPE.

O céo que me apremou com desventuras,
Não me tem preparado a tanta audacia.
Servo do meu esposo, inda te atreves
A propôr-me o trahir sua memoria,
E a ti ligar-me? Irei, eu, de meu filho,
Do doce bem que único me resta,
Comtigo dissipar a herança triste?
Poria a mãe e o estado nas mãos tuas?
Na frente de um soldado o diadema?

POLYPHONTES.

Um soldado como eu pertender pode
O estado governar, que defendêra:
Foi um feliz soldado o rei primeiro:

Dis.

Dispensa avós quem bem a patria serve.
 Não tenho o sangue já que me gerára:
 Esse sangue esgotou-se pela patria:
 Esse sangue correu por ti; e creio
 Que, apesar das repulsas tuas, valho
 Os reis ao menos que vencido tenho.
 N'uma palavra, á tua rebeldia
 Não offereço mais do que a metade
 De um throno onde me chama o meu partido.

MEROPE.

Um partido! em desprezo das leis patrias!
 Pois ha partido que aos teus reis se opponha?
 Bárbaro, é essa a fé, pura e sagrada,
 Que me juraste a mim, ao meu esposo?
 A fé que deves a seus tristes manes,
 A' queixosa viuva, ao filho mísero,
 Aos deoses immortaes de quem descende,
 De quem herdou o imperio?

POLYPHONTES.

E' duvidoso

Se acaso o filho teu inda respira.
 Mas quando lá da estancia pavorosa
 Elle viesse aqui resuscitado
 Seu throno reclamar perante os deoses;
 Não te illudas, um rei exp'rimtado
 Messena quer, de o ser que seja digno;
 Um senhor que a defenda valoroso:
 E ousa lisonjear-me que direito
 Só tem ao throno o vingador do throno.
 Egistho, joyen ainda e inexperto,
 Ostentaria em vão sua alta estirpe:
 Se nada fez por nós, nada merece.
 Comprado a outro preço é esse throno.
 O direito a mandar não é vantagem
 Que dê a natureza como herança;
 Fructo é das lidas, e do sangue esparso,

O premio do valor, e me é devido.
 Recorda o dia em que te accometteram
 Os salteadores vis de Amphryso e Pylos:
 Vê teu esposo, e filhos desgraçados,
 Mortos por elles quasi á tua vista.
 Vê-me, senhora, suspender-lhe a furia;
 Teus inimigos expulsar da patria:
 Encára os muros por meu braço livres:
 Vê que vinguei o espazo que deploras.
 Eis meus direitos, meu logar, meus titulos.
 A corajem os fez, o céu os julga.
 Venha teu filho; aprenderá comigo
 Da gloria a estrada, e de reinar a sciencia:
 Verá se sustentar posso a corôa.
 E' bello o sangue do famoso Alcides,
 Mas nada tem de que espantar-me possa.
 Uma honra busco mais distincta e grande:
 Busco ao deos imitar de quem descende.
 A defeza da mãe, emfim, me toca,
 E ao filho servir de pae, de exemplo.

MEROPE.

Não te ostentes aqui tão generoso,
 E cessa de insultar meu triste filho.
 Se ousas seguir de Alcides as pisadas,
 De um Heraclida ao filho entrega a herança.
 Esse deos grande, de quem tu serias
 O successor injusto, não foi nunca
 Roubador dos estados que vingára.
 Como em valor, imita-o na justiça:
 Teu rei defende, a innocencia ampara:
 O filho que perdi, descobre, entrega-m'o;
 Merece a mãe á força de virtude:
 Chama teu rei a tens alçados muros.
 D'este modo talvez que a ti eu desça.
 Posso abater-me, mas jamais tornar-me
 A cómplice, e o premio, dos delictos.

SCENA 4.^a

POLYPHONTES, EROX.

EROX.

Senhor, esperas tu vencer seu peito?
Reinar só podes a capricho d'ella?
Do throno a estrada abrir soubeste, e esperas
Que a mão te dê para subir ao throno?

POLYPHONTES.

Vejo entre o throno e mim um precipicio:
E' forçoso saltá-lo, ou cabir n'elle.
Mérope espera Egistho, e se a vir chega,
Pode por elle declarar-se o povo.
Quando immolei seu pae e irmãos, debalde
D'esse throno sanguento abri a estrada:
Debalde no palacio, onde a revolta
Tudo de horror e confusão enchia,
Me permittio a sorte que cobrisse
De um véo denso e feliz meus attentados:
Debalde os povos illudidos crêram
Que do rei, que opprimi, fui a defeza:
Chega o momento, que illusões não sofre,
Em que vai minha sorte decidir-se.
Se resta um ramo da progenie hercúlea;
Se trazido a Messena é esse filho
Chorado tanto, perco todo o fructo
De annos quinze de esforços, de trabalhos.
Do sangue e nascimento os prejuizos,
Acredita, exaltar-se hão-de nos peitos,
Aonde tomarão d'elle a defeza.
A lembrança do pae, dos seus maiores,
A pertendida honra de ser prole
Dos nossos deoses, os vehementes gritos,
A desesperação da mãe chorosa,
Meu poder vacilante acabar devem.

Cum-

Cumpre Egistho tratar como inimigo:
Outr'ora quiz no berço suffocá-lo:
A destreza de Narbas vigilante
Me arrebatou das mãos a sua infancia.
Desde esse tempo, errando longe, Narbas
Tem frustrado meus passos, meus esforços.
Seus correios prendi: entre ello e Mérope
Rompi a intelligencia cauteloso.
Mas eu conheço quanto a sorte é varia;
Do silencio sabir pode um segredo;
E os deoses, já cançados, muitas vèzes
Fazem vir sobre nós lenta vingança.

EROX.

Ab! não temas seguir tua aurea sorte:
A prudencia regula os teus designios.
Tuas ordens se cumprem: teus sequazes
A' lerta estão em E'lida e Messena.
Se Narbas apparece, se a seus olhos
Narbas conduz Egistho, morrem ambos.

POLYPHONTES.

E respondes-me tu pelo seu zêlo?

EROX.

Por uma mão fiel tu os guiaste:
Nenhum conhece o sangue procurado,
Nem o nome do rei que immolar devem.
Narbas se lhes pintou como um perverso,
Um transfuga, um traidor, que busca asylo:
O outro como escravo e homicida,
Que das leis sofrer deve a dura pena.

POLYPHONTES.

Pois bem, mais esse crime! Elle me é util:
Mas, o filho perdendo, a mãe preciso:
Preciso um hymeneo que me engrandeça,
Que de um usurpador me tire o nome;
Que firme emfim os votos d'este povo.

Que

Que o amor que lhe tem me traz por dote.
 Leio nos corações, pouco me estimam:
 Esperançosos, ou de horror gelados,
 O interesse m'os dá, elle m'os rouba.
 Tu, Erox, cuja sorte é dependente
 De meu alto poder, tu que és o apoio,
 O executor fiel de meus projectos,
 Vai reunir os animos discordes;
 Compra do aváro os votos em segredo;
 Segura ao cortezão os meus favores;
 Do torpe vacillante aquece o espirito.
 Promette, dá, fascina, pede, assusta.
 Levou-me em vão a espada aos pés do throno:
 Vencer é pouco, seduzir é tudo;
 Saber lisonjear do pôvo a hydra,
 Ao freio costumál-a, e o artificio
 Destramente empregar até que me ame.

Fim do primeiro acto.

ACTO SEGUNDO.

SCENA 1.^a

MEROPE, EURYCLES, ISMENIA.

MEROPE.

Que! o universo se calla sobre Egistho!
 Esse triste silencio assás entendo.
 Nada se soube nas fronteiras de E'lida?

EURYCLES.

Nada se descobrio, e vio-se apenas
 Um joven estrangeiro, que manchado
 N'um recente homicidio a dextra tinha;
 Por minha ordem prêso, chega ao paço.

MEROPE.

Um homicidio! um estrangeiro! Eurycles,
 Que

 ACTO QUINTO.

 SCENA 1.^a

EGISTHO, NARBAS, EURYCLES.

NARBAS.

Retem-nos o tyranno rigoroso
 Da rainha no paço, e incerto é inda
 Nosso destino.—Por ti só eu tremo.
 Ah princepe! ah, meu filho! (que inda eu use
 D'este nome dulcíssimo concede)
 Ah! vive. De um tyranno abranda a cólera.
 Conserva uma cabeça, oh! tão precisa,
 Uma cabeça ameaçada tanto,
 Que tanto me ha custado.

EURYCLES.

Considera

Que só por ti, sua altivez dobrando,
 De lágrimas amargas inda Mérope
 As parrecidas mãos banhar se digna
 De um tyranno que odêa.

EGISTHO.

Mal sabindo

De um longo espanto, renascer eu creio
 Em um mundo ignorado. Um novo sangue
 Me anima, um novo dia me esclarece.
 Eu, de Mérope filho, e de Cresphonte?
 Triunfa seu algoz, manda, e eu sirvo!
 Sangue de Hércules sou, e soffro os ferros!

NARBAS.

Prouvera aos céos que incógnito comigo
 Fosse o néto de Alcides inda em Elida!

EGISTHO.

Que! todas as desgraças dos humanos

Era

Era força ~~em~~ sentir tão moço ainda?
 A assolação, a infamia, o exílio, a morte,
 Me tem sempre a existencia rodeado.
 Nos desertos errante, perseguido,
 Em opprobrio passei e obscuridade.
 Sabe comtudo o céo se injurias tantas,
 Me fizeram romper n'alguns murmuros.
 Apesar da ambição que me inflammava,
 Abracei as virtudes da desgraça:
 Respeitei, mesmo amei tua miséria:
 Nunca houvera outro pae pedido aos deoses.
 Elles outro me dão, por ultrajar-me:
 Dão-me Cresphonte, que vingar não posso.
 Acho uma mãe, arranca-m'a um tyranno:
 Execrando hymenêo a liga ao monstro.
 Maldigo o dia em que nascer me viste:
 O soccorro maldigo que me deste.
 Ah, meu pae! Porque de uma mãe turbada
 Tão cedo retiveste a mão irosa?
 Minhas desditas terminavam, era
 Minha sorte preenchida.

NARBAS.

Estás perdido!

Aqui vem o tyranno.

SCENA 2.^a

POLYPHONTES, EGISTHO, NARBAS,

EURYCLES, guardas.

POLYPHONTES.

Retirai-vos; *

E tu que nimia compaixão inspiras
 Por os teus poucos annos inexpertos,
 Pela ultima vèz, teu rei quer inda
 Que sejam teus destinos obra tua.
 O presente, o porvir, teu nascimento,
 Teu sêr, n'uma palavra, nas mãos tenho.
 Posso elevar-te da grandeza ao cume

C'um-

* Narbas e Eurycles se afastam um pouco.

C'uma palavra, ou conservar-te em ferros;
 Sim, perder-te ou salvar-te. Mui distante
 Das cortes educado, e inexperiente,
 Deixa que eu guie tua imprudencia louca.
 Crê-me, em tua desgraça não affectes
 O orgulho errado a que virtude chamas.
 Se o destino te fez nascer humilde,
 Humilde cumpre sejas com teu amo:
 Se o acaso feliz nascer de um rei,
 Dispõe-te para o sêr, serve a meu lado.
 Uma rainha aqui te dá o exemplo:
 Curva-se a minhas leis, e corre ás áras.
 Seus passos segue e os meus; vem, de joelhos,
 Jurar-me ao pé de altar firme homenagem.
 Se os deoses temes, seu poder attesta:
 Chama-os todos a vêr tua obediencia.
 Abre-se a ti a porta das grandezas.
 A repulsa te perde:—escolhe agora,
 E responde-me.

EGISTHO.

Vês-me desarmado,

Como hei-de responder-te? Teus discursos.
 Confesso, me confundem; porem da-me
 Essa espada que temes, esse ferro
 Que cauteloso arredas de meu braço;
 Responderei então: e tu, ó pérfido,
 Poderás conhecer qual de nós ambos
 E' escravo ou senhor; se a Polyphontes
 Compete regular a minha sorte,
 E se o filho dos reis pune assassinos.

POLYPHONTES.

Inimigo soberbo e fraco, anima-te
 Minha bondade: julgas-me assas grande
 Para o ultrage esquecer, não aviltar-me
 A castigar em ti um pobre escravo
 Que offende seu rei.—Bem! essa bondade,
 Que se indigna e se cança, um só momento
 Para alcançares teu perdão concede.
 Podes vir ao altar, abí te espéro.

Vem

Vem morrer, ou jurar-me obediencia.
Guardas, ao pé de mim podeis ir pôl-o:
Nao saia mais ninguém, nem o conduza.
Narbás, Eurycles, eu a vós o entrego.
Tremei, respondereis por seus caprichos.
Vossa aversão conheço, bem que inutil;
Mas fio-me ao menos na experiencia vossa.
Ou de Mérope seja, ou vosso filho,
Um conselho imprudente o léva á morte.

SCENA 3.^a

EGISTHO, NARBAS, EURYCLES-

EGISTHO.

Conselhos ouvirei só do meu sangue.
Hercules, a vingar-me instrue meu braço:
Lá d'entre os immortaes me illustra o espirito;
Polyphontes me chama aos teus altares;
Ah! corro.

NARBAS.

Ah! meu principe, cansado
Estás da vida já?

EURYCLES.

Se nós ao menos
No perigo pudéssemos seguir-te!
Mas dá-me tempo a que um partido acorde,
Que, inda que fraco, todavia existe.
Sofre....

EGISTHO.

Minha corajem n'outros tempos
Seria ás lições vossas branda e docil.
Ambos eu crêra, mas em tal desdita
Só devo consultar meu peito, e os deoses.
Aos conselhos se entrega o irresoluto;
Mas o sangue de heroes a ninguém ouve.
A sorte está lançada...Ceos! que vejo?
Mérope!

SCENA 4.^a

MEROPE, EGISTHO, NARBAS,

EURYCLES, comitiva.

MEROPE.

Aqui mandar-me ousa o tyranno:
Que eu sobreviva ao hymenêo não creias:
Mas a horrivel vergonha, a que me arrastam,
Eu a soffro por ti, faço este esforço:
Tu faze o de viver, domina o fado.
Objecto caro do terror que sinto,
Por quem conheço o que é vergonha e susto;
Filho dos reis, dos deoses, oh meu filho!
E' forçoso o servir. O sofrimento
E' necessario para haver vingança.
Minha fraqueza sei te indigna e ultraja;
Mais caro me és por isso, e mais eu temo.
Meu filho....

EGISTHO.

Ousa seguir-me.

MEROPE.

Tu que fazes?
Espéra.—Deoses, eu a vós me queixo
De seu nimio valor.

EGISTHO.

N'estes logares
Vem os teus olhos de meu pae o tumulto?
Ouves sua voz? E's mãe e rainha?
Se o és, vem.

MEROPE.

Ah! acima dos humanos
Parece alçar-te o céu n'este momento.
Meu sangue prézo, vejo o sangue de Hércules.
Oh! falla, e me encho d'esse deos propicio.
Elle te insta, te inspira. Oh filho caro!
Acaba, e força dá aos meus espíritos.

EGIS-

(62)

EGISTHO.

Terás amigos n'esse templo triste?

MEROPE.

Tive-os quando rainha;—poucos restam,
E sob um jugo estranho a fronte inclinam:
Minhas desditas seu valor abatem.
Odêam Polyphontes, dão-lhe o sceptrô:
Sou amada, e me fogem.

EGISTHO.

Que! pois todos
Te abandonam!—No altar está o monstro?

MEROPE.

Ahi me espéra,

EGISTHO.

Esse horrivel altar?

MEROPE.

Não: sua tropa
Defende a entrada: rodeado é elle
Da multidão dos corteãos infidos,
Que apressados outr'ora vi seguir-me,
E arrastar-se debaixo de meu mando.
Eu, de todos os seus no altar cercada,
Só a ti posso dar entrada livre.

EGISTHO.

Eu só te seguirei:—acharei deoses,
Meus avós, que ali punam o homicidio.

MEROPE.

Quinze annos te trahiram.

EGISTHO.

Me experimentavam.

Certamente

ME-

(63)

MEROPE.

E fazer que intentas?

EGISTHO.

Vamos, tudo se arroste.—Adeos, amigos;
Ao menos sabereis que merecido
Tem de Mérope o filho a estima vossa.
(A Nárbas, abraçando-o)
Tu, de tua obra não terás vergonha;
Sim, não duvides:—tu darás do sangue
Que nas veias me corre testemunho.

SCENA 5.^a

NARBAS, EURYCLES.

NARBAS.

Que vai elle fazer? Ah! são trahidos
Os meus cuidados:—os tyrannos habeis
Jamais punidos foram. Esperava
Que do tempo a segura mão tardia
Vingasse a injuria que hão soffrido os deoses;
Que o imperio usurpado recobrasse
Egistho;—mas o crime prevalece;
Desenganado morro. Sim, Egistho
A' força de corajem vai perder-se.
Desobedecerá, e a morte é certa.

EURYCLES.

Os gritos ouves tu que os ares rompem?

NARBAS.

E' do crime o sinal.

EURYCLES.

Ouçamos.

NARBAS.

Treme.

EURYCLES.

Sem duvida a rainha, no momento

De

De dar a mão de esposa a Polyphontes,
Sua vergonha previnio co'a morte.
No mortal dissabôr que a trespassava,
Tal era seu designio.

NARBAS.

Ah! não existe
Seu filho já:—para elle viveria.

EURYCLES.

Cresce o ruido, augmenta-se, e vem como
Um trovão que bramando se aproxima,
E sobre a terra cahe.

NARBAS.

Dos combatentes
Ouço de toda a parte os alaridos,
Os sons da tuba, os ais dos moribundos.
De Mérope ao palacio a porta arrombam.

EURYCLES.

Ah! não vês tu essa cruel escolta,
Que corre, se dissipa, de nós longe?

NARBAS.

Irá servir as iras do tyranno?

EURYCLES.

Quanto meus olhos podem vêr ao longe,
Misturam-se, combatem.

NARBAS.

Oh! que sangue
Elles vão derramar? O nome sóa
De Mérope e do rei.

EURYCLES.

Graças aos deoses!
Estão abertos os caminhos.—Vamos
Ver se nos campre ter a morte ou vida.

(Elle sahe)

Va-

NARBAS.

Vamos.—Oh! que não possa eu bem seguir-te!
O' deoses! vigorai meus braços frouxos,
Na regia causa outr'ora exprimentados:
Que eu dê ao menos da existencia os restos.
Corramos.

SCENA 6.^a

NARBAS, ISMENIA, povo.

NARBAS.

Que espectac'lo! és tu, Ismenia?
Sanguenta, inanimada, és tu que eu vejo?

ISMENIA.

Ah! deixa-me cobrar a voz e a vida.

NARBAS.

Meu filho é vivo? E a rainha existe?

ISMENIA.

Inda o desmaio não perdi de todo.
Pelas ondas do pôvo aqui trazida....

NARBAS.

Que faz Egistho?

ISMENIA.

Elle é...Egistho, o digne
Filho dos deoses! Deo terrivel golpe.
Não, jamais o valor do forte Alcides
Deo pasmo ao mundo com tão raro feito.

NARBAS.

O' meu filho! O' meu rei, por mim criado!

ISMENIA.

Estava prompta a victima, e de flores

Co-

Coroada: o altar abríbantavam
 As tochas de hymenêo:—os olhos fixos,
 E c'um ar deshumano, Polyphontes
 Uma mão odiosa dava a Mérope:
 O Sacerdote já pronunciava
 As augustas palavras sacrosantas;
 E no meio das damas lagrimosas,
 Caminhando a rainha tristemente,
 Trémula nos meus braços, invocava,
 Em lugar do hymenêo, a torva morte.
 Tudo o povo observava em grão silencio.
 Quando apparece no sagrado asylo
 Um mancebo, um heroe, igual aos deoses:
 Elle corre, era Egistho,—chega ás áras;
 Sóbe:—com mão segura ali agarra
 No cutelo, dos deoses preparado
 Para as festas. O raio é menos prompto;
 Com meus olhos o vi; vi-o o audaz monstro
 Ferir. “ Morre, tyranno, elle dizia:—
 “ Tomai as vossas victimas, ó deoses. ”
 Erox, vil servidor dos crimes do amo,
 Erox, que o vê nadar no proprio sangue,
 Levanta ousada mão, pensa vingál-o.
 Ardendo em furia, Egistho se desvia;
 Sem vida o deixa ao lado de seu amo.
 Levanta-se o tyranno, e fere Egistho:—
 Vi correr o seu sangue confundido.—
 Acode a guarda com raivosos gritos.
 Sua mãe...Que valor o amor inspira!
 Que transporte animava seus esforços!
 Sua mãe...Ella rompe entre os soldados.
 „ Pára, é meu filho;—cessa, imiga tropa:—
 „ E' meu filho:—este seio que o nutrio,
 „ Este ventre que o trouxe, despedaça;
 „ Lacéra a sua mãe, tua rainha. „
 A estes brados se amotina o povo.
 Alguns amigos, que salvál-a aspiram,
 Entre ella e os soldados se arremessam.

Vi-

Víras agora as áras destruidas,
 Os fragmentos nadar de sangue em rios,
 Das mães no seio os filhos esmagados;
 Immolados irmãos desconhecidos
 Por seus irmãos:—soldados, sacerdotes,
 Amigos, uns sobre outros expirando:
 Já se anda sobre corpos moribundos:
 Querem fugir; recuam;—comprimida,
 De um fim do templo ao outro é empurrada
 A multidão cem vèzes. D'estas ondas
 Confundidas o fluxo impetuoso
 Róla, e me esconde Egistho e a rainha.
 Ensanguentada corro aos combatentes;
 Grito, interrogo a espantada turba:
 Redobra meu horror quanto me dizem.
 “ E' morto, cabe (exclamam), elle vence. ”
 Eu corro, eu me consumo, e aqui o povo
 Me arrasta e lança, lagrimosa, incerta,
 Por entre estragos, moribundos, mortos.
 Vem, vem seguir-me, e reforçar meus gritos.
 Vem, inda ignoro se a rainha é salva,
 Se inda vive seu filho, se o tyranno
 Perdeo a vida;—inda o terror, o susto,
 Essa desordem toda, me horrorisa.

NARBAS.

O' providencia, ó árbitro do mundo,
 Tua obra ultima, a innocencia ampara.
 Méde os teus dons pelas desgraças nossas.
 Conserva Egistho, ó céo! que em paz eu morra.
 Ah! não vejo a rainha entre os soldados?

SCENA 7.^a

MEROPE, ISMENIA, NARBAS, povo, soldados.

Vê-se no fundo do theatro o corpo de Polyphontes coberto de uma roupa ensanguentada.

MEROPE.

Guerreiros, sacerdotes, e amigos,

Ci-

Cidadãos de Messena, ouvi-me, em nome
 Dos deoses vingadores:—inda o juro,
 Egistho é vosso rei:—punio o crime,
 Vingou seu pae.—Aquelle que arrastado
 Vêdes no pó, é um terrível monstro
 Inimigo dos deoses e dos homens:
 Cravou as mãos no seio de Cresphonte.
 Cresphonte, meu esposo, meu amparo,
 E senhor vosso, meus dous filhos, todos
 Aos duros golpes do traidor cahiram.
 Opprimia Messena Polyphontes;
 Meu logar usurpava; e me off'recia
 Uma mão de meu sangue inda fumante.
(Correndo para Egistho que chega com o cutelo na mão.)
 Este que vêdes, vencedor do monstro,
 Dos reis é filho, é sangue de Cresphonte.
 E' meu sangue, é o que único me resta.
 Que testemunhas quereis vós mais certas
 Do que meu coração? Vede este velho;
 Elle foi que arrancou, destro e prudente,
 A's mãos de Polyphontes sua infancia.
 Os céos o mais fizeram.

NARBAS.

Sim, attesto
 Os mesmos céos, que vosso rei é este,
 Que por elles pugnou.

EGISTHO.

Podeis acaso
 Desconhecer, amigos, uma mãe?
 Um filho seu que ella defende? um filho
 Que vinga um pae? Um rei que vinga o crime?

MEROPE.

E se inda d'isso duvidais, meu filho
 Reconhecei nos golpes que elle dera;
 Na liberdade vossa; de sua alma.

Na

Na intrepidez. Ah! quem jamais nutrido
 Em a miseria, n'uma idade tenra,
 Quem, a não ser um descendente de Hércules,
 Poderia jamais vingar Messena,
 E punir os tyrannos? O seu póvo
 Elle ha-de sustentar, vingar a terra.
 Escutai:—o céu falla, trovejando:
 Ouvi a sua voz, que se declara,
 E se junta a meus gritos;—testemunho
 Dá sua voz, e diz que elle é meu filho.

SCENA 8.^a

MEROPE, EGISTHO, ISMENIA, NARBAS,

EURYCLES, povo.

EURYCLES.

Ah! mostra-te, senhora, ao ledo público.
 Da vinda de seu rei correndo a nova
 De boca em boca, tem mudado os animos.
 A amizade fallou, os peitos duros
 Se enterneceram:—impaciente o póvo
 De puro gosto lágrimas derrama:
 Elle idolatra o rei que o céu lhe envia;
 Bem diz teu filho, e teu amor não menos;
 Grava em seus fastos tão tremendo dia.
 Cadaum quer contemplar seu rosto angusto.
 Querem vêr Narbas, querem tributar-te
 Humilde vassallagem.—E' de todos
 De Polyphontes detestado o nome;
 O teu, o do teu filho, é adorado.
 Vem, ó rei, ter o prémio do triumpho:
 O premio é nosso amor, val mais que a gloria.

EGISTHO.

Minha a gloria não é, mas sim dos deoses.
 Bem como a dita, a força nos vem d'elles.

Va-

Vamos subir ao throno , vamos n'elle
Collocar minha mãe :—e tu , oh ! sempre ,
Sempre serás meu pae , querido Narbas.

Fim do quinto e ultimo acto.



L
46791

Digitalização realizada pelos serviços de Biblioteca e Documentação da Biblioteca Nacional de Portugal.